

Mais de 500 milhões de livros vendidos no mundo

NORA ROBERTS

ESTRELAS DA SORTE

Os Guardiões
LIVRO 1



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Sarah, minha filha querida

Para os deuses, somos como moscas para garotos perversos:
eles nos matam por diversão.

– WILLIAM SHAKESPEARE

Foi uma visão ou um devaneio?
Foi-se a música – acordo ou durmo?

– JOHN KEATS

PRÓLOGO



MUITO TEMPO ATRÁS, EM UM MUNDO ALÉM DO NOSSO, TRÊS DEUSAS se reuniram para celebrar a ascensão de uma nova rainha ao trono. Muitos que haviam viajado pela terra, céus, tempo e espaço lhe levaram presentes, ouro e joias, sedas valiosas e cristais preciosos.

Mas as três deusas queriam dar presentes mais especiais.

Pensaram em um cavalo alado, mas souberam que um viajante havia chegado em um e o dera para a nova rainha.

Debateram sobre dotá-la de beleza incomparável, sabedoria ou graça singular.

Não poderiam torná-la imortal, e sabiam, pelos que o eram, que isso seria tanto uma bênção quanto uma maldição.

Mas poderiam lhe dar um presente imortal.

– Um presente que brilhará para ela eternamente.

Celena estava com as amigas, suas irmãs, na areia branca como diamante à beira do mar azul como tinta. Ela ergueu o rosto para o céu noturno e a lua que pairava nele.

– A lua é nossa – lembrou-a Luna. – Não podemos dar o que prometemos honrar.

– Estrelas. – Arianrhod ergueu a palma da mão. Então fechou os olhos e os dedos. E, sorrindo, os abriu de novo. Uma joia de gelo brilhava em sua mão. – Estrelas para Aegle, a radiante.

– Estrelas. – Celene também estendeu a mão e a abriu. Continha uma joia de fogo. – Estrelas para Aegle, que brilharão como seu nome.

Luna se juntou a elas e produziu uma joia de água.

– Estrelas para Aegle, a brilhante.

– Deveria haver mais. – Celene virou a estrela ardente na mão.

– Um desejo. – Luna se aproximou do mar e deixou a água fria lhe tocar

os pés. – Um desejo de cada uma de nós para a rainha, e dentro da estrela. O meu, um coração forte e cheio de esperança.

– Uma mente forte e questionadora. – Celene ergueu para o alto a estrela flamejante.

– E um espírito forte e aventureiro. – Arianrhod ergueu as mãos, uma delas segurando a estrela e a outra na direção da lua. – Que estas estrelas brilhem enquanto os mundos girarem.

– Que espalhem sua luz em nome da rainha, para que todos vejam.

A Estrela de Fogo começou a se erguer para o céu, e as estrelas de gelo e água a acompanharam.

As estrelas giraram enquanto se erguiam, irradiando luz sobre a terra e o mar enquanto se dirigiam para a lua e seu frio poder branco.

Uma sombra passou sob elas, uma cobra silenciosa.

Nerezza deslizou pela praia na direção da água – uma sombra obscurecendo a luz.

– Vocês se reuniram sem mim, minhas irmãs.

– Você não é uma de nós. – Arianrhod se virou para ela, com Luna e Celene ao lado. – Nós somos a luz, você é a escuridão.

– Não há luz sem escuridão. – Os lábios de Nerezza se curvaram para cima, mas em seus olhos brilhava a fúria e havia os primeiros sinais de uma loucura ainda não totalmente manifesta. – Quando a lua minguava, a escuridão a consome. Pedacinho por pedacinho.

– A luz prevalece. – Luna apontou para as estrelas que agora voavam, deixando em sua esteira rastros de cor. – E agora há mais.

– Vocês, como suplicantes, trazem presentes para a rainha. Mas ela não passa de uma garota fraca e mimada, quando nós é que poderíamos e deveríamos governar.

– Nós somos as guardiãs – lembrou-a Celene. – Guardiãs, não governantes.

– Nós somos *deusas*! Este e outros mundos são nossos. Pensem nisso e no que poderíamos fazer se uníssemos nossos poderes. Tudo se curvaria para nós e seríamos eternamente jovens e belas.

– Não temos nenhum desejo de poder sobre os mortais, os deuses ou os semideuses. Isso só traz sangue, guerra e morte – disse Arianrhod, rejeitando a ideia. – Ansiar pela eternidade é desprezar a beleza e a maravilha do ciclo. – Então ergueu novamente o rosto, enquanto as estrelas que elas haviam feito brilhavam.

– A morte chegará. Veremos essa nova rainha viver e morrer, como vimos a última.

– Ela viverá setecentos anos. Eu vi isso. E, enquanto viver – continuou Celene –, haverá paz.

– Paz. – A palavra sibilou dos lábios desdenhosos de Nerezza. – Paz não é nada além de uma tediosa trégua da escuridão.

– Volte para as sombras, Nerezza. – Luna a dispensou com um gesto indiferente. – Hoje a noite é de alegria, luz e celebração, não de suas ânsias e ambições.

– A noite é minha.

Nerezza estendeu a mão e um raio preto como seus olhos cortou a areia branca e o mar escuro, subiu aos céus e atingiu os raios de luz das estrelas momentos antes de elas encontrarem seu lugar em uma curva suave na base da lua.

Por um momento as estrelas tremeram, assim como os mundos abaixo.

– O que você fez? – perguntou Celene.

– Apenas completei o presente, *irmãs*. Um dia elas cairão, as estrelas de fogo, gelo e água. Cairão do céu com todo o seu poder, seus desejos, a luz e a escuridão. – Rindo, Nerezza ergueu os braços como se para arrancar as estrelas do céu. – E quando caírem em minhas mãos, a lua morrerá e a escuridão vencerá.

– Elas não são para você.

Arianrhod deu um passo à frente, mas Nerezza traçou um raio preto na areia, deixando uma fenda ardente entre elas. Fumaça se ergueu da fenda, obscurecendo o céu.

– Quando as estrelas forem minhas, este mundo morrerá com a lua, como vocês morrerão. E quando eu consumir seus poderes, libertarei outros há muito aprisionados. A frágil paz que vocês adoram se tornará enorme tormento, agonia, medo e morte.

Através da fumaça, ela ergueu as mãos, radiante com o próprio desejo.

– Suas estrelas selaram seus destinos e me ofereceram o meu.

– Você está banida. – Arianrhod partiu para o ataque e um raio azul ardente e cortante como um chicote enrolou-se no tornozelo de Nerezza.

O grito rasgou o ar e fez o chão tremer. Antes de Arianrhod conseguir arrastar Nerezza para a fenda que ela própria criara, a irmã abriu finas asas pretas, rompeu o raio de luz e voou. O sangue de seu tornozelo ardeu e fumegou na areia branca.

– Eu faço o meu destino! – gritou Nerezza. – Vou voltar e me apoderar das estrelas e dos mundos que quiser. E vocês conhecerão a morte, a dor e o fim de tudo que amam.

As asas se dobraram ao redor de Nerezza e ela se foi.

– Ela não pode fazer nada contra nós ou os nossos – lembrou Luna.

– Não duvide do poder ou da cobiça de Nerezza. – Celene olhou para a fenda escura e sentiu uma enorme tristeza. – Haverá morte, sangue, dor e sofrimento aqui. Ela deixou isso para trás como uma mácula.

– Ela não pode jamais ter as estrelas. Vamos trazê-las de volta agora – disse Arianrhod. – Destruí-las.

– É um risco muito grande enquanto o poder dela ainda paira no ar – respondeu Celene.

– Então vamos apenas esperar, vigiar e arriscar tudo? – perguntou Arianrhod. – Vamos permitir que ela transforme um presente de luz em algo escuro e mortal?

– Não podemos deixar isso acontecer. Não deixaremos. Elas cairão? – perguntou Luna para Celene.

– Posso ver que sim, com um clarão brilhante, mas não consigo ver quando.

– Então nós determinaremos quando e onde. Podemos fazer isso. – Luna segurou as mãos das irmãs.

– Em outro lugar, outro tempo, mas não juntas. – Assentindo, Arianrhod ergueu os olhos para as estrelas belas e brilhantes acima da terra que havia amado e guardado desde o início de seu tempo.

– Se uma delas cair nas mãos de Nerezza, ou de alguém como ela... – Celene fechou e abriu os olhos. – Muitos buscarão as estrelas, o poder e a sorte, o que é o mesmo. E o destino. É tudo uma coisa só. E nós, luz refletida, devemos enviar os nossos na busca.

– Os nossos? – repetiu Luna. – Não vamos recuperá-las?

– Não, isso não cabe a nós. Sei que devemos esperar aqui, e o que tiver de ser será.

– Nós escolheremos o tempo e o lugar. Em silêncio – acrescentou Arianrhod. – Mesmo em nossas mentes. Ela não deve saber quando e onde cairão.

Elas juntaram mãos e mentes, e cada qual seguiu o caminho até onde sua estrela cairia do céu. Cada qual escondeu seu dom, lançou o poder de proteção sobre sua estrela.

Assim, mentalmente unidas e sem dizerem uma só palavra, cada qual soube o que agora deveria estar nas mãos e nos corações de outros.

– Agora precisamos acreditar. – Luna apertou a mão de Arianrhod, que permaneceu calada. – Precisamos. Se não acreditarmos, como aqueles que vierem de nós acreditarão?

– Acredito que fizemos o que devia ser feito. Basta acreditarmos nisso. Celene suspirou.

– Até mesmo os deuses devem se curvar ao Destino.

– Ou lutar contra o que tenta destruí-los.

– Você lutará – disse Celene, agora sorrindo. – Luna acreditará. E eu farei tudo que puder para ver. Agora, vamos esperar.

Juntas, elas olharam para a lua que havia no céu e na alma, e para as três estrelas brilhantes que se curvavam a ela.

1



ELA ERA ATORMENTADA POR SONHOS, ESTIVESSE DORMINDO OU ACORDADA. Entendia de sonhos, visões, *conhecimento*. Faziam parte de sua vida e ela aprendera a bloqueá-los, afastá-los.

Mas eles não cediam, por mais que os combatesse. Sonhos com sangue e batalha, terras estranhas e lunáticas. Neles, rostos e vozes de pessoas desconhecidas, mas de algum modo vitalmente familiares, viviam com ela. A mulher com os olhos astutos e ferozes de um lobo, o homem com a espada prateada. Eles rondavam seus sonhos acompanhados de uma mulher que se erguia do mar rindo e do homem com a bússola dourada.

E em todos esses sonhos também estava presente o homem de cabelos escuros que segurava um raio.

Quem eram? Como os conhecia – ou como conheceria? Por que necessitava tanto deles, de todos eles?

Com eles vinham morte e dor – ela *sabia* – e, contudo, vinha também a chance de alegria verdadeira, do eu verdadeiro. Do amor verdadeiro.

Ela acreditava no amor verdadeiro – para os outros. Nunca o buscara para si mesma, porque o amor exigia muito, provocava um caos na vida. Muitos *sentimentos*.

Queria e sempre quisera paz e sossego, e acreditava tê-los encontrado em sua casinha nas montanhas da Carolina do Norte.

Lá tinha a solidão que buscara. Lá podia passar os dias pintando ou no jardim, sem interferências ou interrupções. Não precisava de muita coisa; seu trabalho lhe proporcionava renda suficiente para suprir as necessidades.

Agora os sonhos eram assombrados por cinco pessoas que a chamavam pelo nome. Por que não conseguia descobrir os delas?

Ela desenhava seus sonhos – rostos, mares, colinas e ruínas. Cavernas

e jardins, tempestades e crepúsculos. Durante o longo inverno, cobriu a prancheta de desenhos e começou a fixá-los nas paredes.

Pintou o homem com o raio nas mãos e passou dias aperfeiçoando cada detalhe: o tom exato e o formato dos olhos – profundos, escuros e velados –, a fina cicatriz branca semelhante a um raio na testa junto à sobrancelha esquerda.

Ele estava em um penhasco, bem acima de um mar revolto. O vento lhe agitava os cabelos escuros. Quase podia senti-lo, como hálito quente. E ele era destemido diante da tempestade enquanto a morte vinha em sua direção.

De algum modo ela ficou com ele, igualmente destemida.

Não conseguiu dormir até terminar aquilo e chorou quando conseguiu. Temeu ter enlouquecido e as visões serem tudo que lhe restara. Durante dias deixou a pintura no cavalete enquanto ele a observava trabalhar, limpar ou dormir.

Ou sonhar.

Dissera para si mesma que embalaria a pintura e a enviaria para a agente, a fim de que a vendesse. E, molhando o pincel, finalmente a assinou.

Sasha Riggs – seu nome, na beira do mar agitado pela tempestade.

Mas não a embalou para ser enviada. Embalou outras, preparando para transporte o trabalho produzido naquele longo inverno.

Exausta, entregou os pontos e se acomodou no sofá do sótão que transformara em estúdio, se deixando levar pelos sonhos.

A tempestade se tornou violenta. Vento cortante, mar em fúria, raios vindo do céu como flechas flamejantes de um arco. Chuva que vinha do mar formando uma densa cortina em direção ao penhasco.

Mas ele ficou lá, observando-a. E estendeu a mão para ela.

– Eu estava esperando.

– Não entendo isso, nada disso.

– Claro que entende, você mais do que a maioria. – Quando ele levou sua mão aos lábios, ela se sentiu simplesmente impregnada de amor. – Quem se esconde de si mesmo, Sasha, como você?

– Eu só quero paz. Quero sossego. Não quero tempestades e batalhas. Não quero você.

– Mentira. – Os lábios dele se curvaram ao tocar novamente a mão de Sasha. – Você sabe que está mentindo para mim, para si mesma. Por quanto tempo mais se recusará a viver como deveria? A amar, como nasceu para fazer?

Ele segurou seu rosto, e o chão tremeu sob ela.

– Tenho medo.

– Enfrente-o.

– Não quero saber de nada disso.

– Veja. Não podemos começar sem você. Não podemos terminar isso antes de começarmos. Procure-me, Sasha. Encontre-me.

Ele a puxou para si e a beijou. Então, a tempestade os atingiu com uma fúria desmedida.

Dessa vez ela se entregou.

Quando acordou, ainda cansada, se sentou e apertou os olhos ainda enevoados.

– “Encontre-me” – murmurou. – *Onde?* Mesmo se quisesse, eu não saberia por onde começar.

Passou os dedos pelos lábios e jurou que ainda sentia os dele.

– Chega. Agora chega.

Levantou-se rapidamente e começou a arrancar os desenhos das paredes e da prancheta, deixando-os cair no chão. Ia levá-los para fora, jogá-los no lixo. Queimar. Tirá-los da casa e da cabeça.

Viajaria sozinha para algum lugar, qualquer um. Fazia anos que não saía de casa. Um lugar quente, disse para si mesma, tentando desesperadamente ignorar seus sonhos. Uma praia em algum canto do mundo.

Notou a respiração se tornando ofegante, os dedos tremendo. Quase desabando, sentou-se entre os desenhos, magra demais por causa do peso que os sonhos lhe haviam roubado, os longos cabelos loiros presos no costureiro coque frouxo. Sombras obscureceram seus olhos de um azul claro e cristalino.

Olhou para as mãos. Havia talento ali. Sempre houvera, sempre haveria, e era grata por esse dom. Mas possuía outros dons, pelos quais não era tão grata.

No sonho, ele havia lhe pedido para ver. Durante quase toda a vida havia feito tudo que podia para bloquear o dom da visão com o qual nascera.

Sim, para se esconder de si mesma, como ele dissera.

Se fosse receptiva a esse dom, se o aceitasse, haveria dor e tristeza. E saberia o que podia acontecer.

Fechou os olhos.

Ajeitaria tudo – se daria tempo. Guardaria todos os desenhos em uma pasta. Não ia queimá-los, claro que não. Aquilo fora o medo falando.

Ia guardá-los e fazer uma viagem, ausentar-se por uma ou duas semanas, permitir-se pensar e decidir.

Agachada, começou a juntar os desenhos, organizá-los à própria maneira. A mulher de olhos ferozes, o homem com a espada prateada, as pessoas com quem sonhara.

Mares e paisagens, um palácio brilhando em uma colina, um círculo de pedras.

Pôs em uma pilha um dos muitos desenhos do homem com quem acabara de sonhar e pegou outro.

E soube.

Havia desenhado a ilha em forma de foice de várias perspectivas, exibindo os altos penhascos, as colinas ondulantes repletas de árvores. Mostrava a ilha flutuando no mar, banhada pelo sol. Em primeiro plano, prédios amontoados formando uma cidade e, ao longe, a extensão de terra e montanhas.

O desenho a lápis ganhou cor e vida enquanto o estudava. Muito verde, em milhares de tons, do escuro ao esmeralda. Muito azul – profundo, vivo ou leitoso com ondas ao redor. Viu barcos navegando, figuras mergulhando de paredões para nadar, espirrando água.

Viu o promontório onde havia ficado com ele enquanto a tempestade se aproximava.

– Então está bem, eu vou.

Estava cedendo, perguntou-se, ou resistindo? Mas iria, veria.

Isso poria fim aos seus sonhos ou os faria ganhar vida, como o desenho em suas mãos.

Dirigiu-se à pequena escrivaninha, abriu o laptop e comprou um voo para Corfu.



Deu-se apenas dois dias para fazer as malas, tratar de detalhes e fechar a casa, de forma a não poder mudar de ideia. Dormiu no avião, não sonhou e se sentiu grata por esse alívio. Ainda assim, a ida de táxi do aeroporto até o hotel que escolhera, perto do centro histórico, foi confusa. Ainda desorientada ao se registrar no hotel, tentou se lembrar de sorrir e entabular a esperada conversa na recepção e com o cordial carregador de olhos alegres e sotaque forte que subiu com ela no estreito elevador.

Não pedira um andar ou uma vista específica. Bastava ter dado aquele passo, aonde quer que a levasse. Mas não ficou nem um pouco surpresa quando entrou distraidamente no quarto e se viu de frente para as janelas, o mar azul e a extensão de areia que conhecia tão bem.

Sorriu e dispensou a oferta do carregador de lhe buscar qualquer coisa que desejasse. Só queria solidão. Os aeroportos, o avião, tantas pessoas a oprimiam.

Enfim sozinha, foi até a janela e a abriu para deixar entrar o ar fresco da primavera, com cheiro de mar e flores. Estudou a vista que havia desenhado semanas antes e trazido consigo, com outros desenhos, em uma pasta na mala.

Naquele momento não sentia nada além da reação de seu organismo à mudança de fuso horário e fadiga de viagem. Não admirava que não viajasse para muito longe por impulso.

Virou-se e desfez a mala para se proporcionar certa noção de espaço e de ordem. Depois, ficou deitada na cama e acabou adormecendo de novo.

Raios e tempestades, sol e mar batendo. Três estrelas tão brilhantes que seus olhos ardiam. Quando se projetaram para além da curva da lua, caindo em torrentes de luz, o mundo tremeu com a força de seu poder.

Sangue e batalha, medo e luta. Subindo alto, mergulhando fundo.

O amante de seu sonho lhe tomando a boca e o corpo e a fazendo arder em sentimentos. Muitos. Demais. Nunca o suficiente. Sua própria risada, mal reconhecível, transmitindo alegria. Lágrimas derramadas, repletas de aflição.

E, na escuridão, uma luz brilhou. Na escuridão, ela segurava fogo. Ao erguê-lo para que todos o vissem, a terra tremeu e rochas rolaram. O que era fúria voou para ela com garras e dentes.

Pelo amor de Deus, Sasha, acorde! Mexa-se.

– O quê?

Acordou sobressaltada, com a voz ainda ecoando dentro de si e o coração ainda acelerado pelo medo.

Só mais um sonho, disse a si mesma, só mais um para a coleção.

A luz havia se suavizado e agora era como seda sobre a água. Ela não fazia ideia de por quanto tempo dormira, mas a voz do sonho tinha certa razão. Hora de acordar.

Tomou banho para se refazer da viagem e vestiu roupas limpas. Como não ia trabalhar, deixou os cabelos soltos. Forçou-se a sair do quarto. Desceria, se sentaria no terraço e tomaria algo. Ela abria mão de seu sossego e sua solidão e viera.

Agora algo ou alguém precisava vir até ela.

Encontrou a saída e caminhou sob uma pérgula coberta de glicínias que começavam a florir. O cheiro das flores a acompanhou quando ela deixou a piscina e as cadeiras de lona dobráveis, seguindo para o terraço de pedra. Vasos de barro gloriosamente repletos de flores vermelhas e roxas brilhavam ao sol que se dirigia para o oeste. As folhagens das palmeiras estavam imóveis.

Mesas sob guarda-sóis brancos reluzentes se espalhavam no piso de pedra. Para seu alívio, apenas algumas estavam ocupadas. Talvez não fosse ter solidão, mas teria sossego. Pensou em ocupar uma cadeira um pouco distante das outras e começou a se afastar.

A mulher também estava um pouco distante. Seus cabelos castanhos com reflexos produzidos pelo sol tinham uma franja longa que descia até as lentes cor de âmbar dos óculos de sol. Ela estava recostada, os tênis laranja em cima da outra cadeira da mesa para dois enquanto tomava uma bebida espumante em uma taça de champanhe.

Por um momento o sol tremeluziu e o coração de Sasha estremeceu com ele. Sasha não conseguia parar de encarar a desconhecida, sem saber por quê. Quando a mulher abaixou os óculos de sol e olhou por cima das lentes, Sasha compreendeu.

Os olhos dela eram como os de um lobo, castanho-amarelados e ferozes.

Sasha conteve o impulso de simplesmente se virar e voltar para a segurança de seu quarto. Fez um esforço mental para se obrigar a prosseguir enquanto aqueles olhos dourados a examinavam.

– Desculpe... – começou.

– Pelo quê?

– Eu... Você me conhece?

A mulher ergueu as sobrancelhas por baixo da longa franja.

– Deveria?

Conheço seu rosto, pensou Sasha. Já o vi inúmeras vezes.

– Posso me sentar?

A mulher inclinou a cabeça e continuou a examiná-la friamente, sem pestanejar. Com indiferença, tirou os pés da cadeira.

– Claro, mas se está pensando em me paquerar, só saio com homens, exceto por uma noite na universidade.

– Não, não se trata disso.

Sasha se sentou, tentando encontrar palavras, mas, antes de poder falar, um garçom de paletó branco parou ao lado da mesa.

– *Kalispera*. Gostaria de uma bebida, senhorita?

– Sim, gostaria. Ah, o que está bebendo?

A mulher ergueu a taça.

– Peach Bellini.

– Parece ótimo. Gostaria de mais um? Por minha conta.

Por baixo da densa franja, a mulher ergueu as sobrancelhas mais uma vez.

– Claro.

– Então dois, por favor. Sou Sasha – disse ela quando o garçom saiu para buscar o pedido. – Sasha Riggs.

– Riley Gwin.

– Riley. – Um nome que combina com o rosto, pensou ela. – Sei que vai parecer estranho, mas... tenho sonhado com você.

Riley tomou mais um gole e sorriu.

– Parece que está me paquerando. E você é realmente bonita, Sasha, mas...

– Não, não, quero dizer literalmente. Eu a reconheci porque sonho com você há meses.

– Certo... O que eu estava fazendo nos sonhos?

– Não posso esperar que acredite em mim. Mas é por causa desses sonhos que estou aqui em Corfu. Eu não... Espere.

Os desenhos, pensou, e se levantou. Afinal de contas, uma imagem valia mais do que mil palavras.

– Quero lhe mostrar uma coisa. Pode esperar?

Riley se limitou a dar de ombros e erguer a taça.

– Pedi outro, então ainda vou ficar aqui mais um pouco.

– Cinco minutos – prometeu Sasha e se afastou apressadamente.

Tomando sua bebida, Riley refletiu. Entendia de sonhos e não os desconsideraria de imediato. Havia visto e experimentado coisas demais na vida para fazê-lo.

E aquela tal de Sasha Riggs parecia sincera. Tensa e nervosa, mas sincera. Ainda assim, Riley tinha seus motivos para estar em Corfu e eles não incluíam fazer parte dos sonhos de outra pessoa.

O garçom voltou com uma bandeja e pôs na mesa as taças, uma tigela de azeitonas gordas e uma de amêndoa.

– E a outra moça? – perguntou ele.

– Ela foi buscar uma coisa. Já vai voltar. – Riley lhe entregou a taça vazia.
– *Efkharisto*.

Ela experimentou uma amêndoa, voltou a contemplar o mar e olhou para trás ao ouvir passos apressados.

Sasha se sentou, segurando uma pasta de couro.

– Sou artista plástica – começou.

– Parabéns.

– Tive esses sonhos durante todo o inverno. Começaram logo no início do ano. Repetiam-se todas as noites. – Sonhava acordada também, mas não estava pronta para contar tanto. – Desenhei as pessoas, os lugares, o que era recorrente.

Ela abriu a pasta e pegou o desenho que a levava até onde estava agora.

– Fiz este semanas atrás.

Riley pegou o desenho, apertando os lábios enquanto o estudava.

– Você é boa, e sim, é Corfu.

– E esta é você.

Sasha pôs na mesa um desenho de corpo inteiro de Riley. Ela usava calças cargo, botas de caminhada, uma jaqueta de couro surrada e um chapéu de abas largas. Estava com a mão no cabo da faca embainhada em seu cinto.

Enquanto Riley erguia o desenho, Sasha pôs outro na mesa.

– Este também.

Riley novamente, dessa vez apenas a cabeça e os ombros, olhando para a frente com um sorriso.

– O que é isso? – murmurou Riley.

– Não sei, mas preciso descobrir. Achei que estivesse ficando louca. Mas você é real e está aqui. Como eu. Não sei quanto aos outros.

– Que outros?

– Somos seis. – Sasha procurou novamente em sua pasta. – Trabalhando e viajando juntos.

– Eu trabalho sozinha.

– Eu também. – Agora Sasha se sentia zozna, ao mesmo tempo justificada e um tanto maluca. – Não conheço nenhum deles. – Ela estendeu outro desenho. – Tenho retratos individuais de todos, outros com alguns juntos e mais com todos nós, como este. Eu não os conheço.

O desenho mostrava Riley vestida de modo muito parecido ao do outro desenho, e Sasha com botas, calça e um chapéu fedora em vez das sandálias e

do vestido delicado que usava agora. Outra mulher com cabelos até a cintura e três homens. Três homens atraentes em uma trilha como se posassem para uma fotografia, avaliou Riley.

– Você... Sasha, certo?

– Sim. Sim, Sasha.

– Bem, Sasha, com certeza você sabe sonhar com homens. São todos lindos.

– Nunca vi nenhum deles pessoalmente. Mas sinto que... que os *conheço*, todos eles. E este.

Incapaz de resistir, Sasha tocou na figura em pé ao lado dela no desenho, com o peso do corpo apoiado em uma das pernas e o polegar enganchado no bolso da frente do jeans gasto. Com maçãs do rosto pronunciadas, cabelos escuros – que ela sabia serem de um castanho intenso e profundo –, os cachos descendo até abaixo da gola da camiseta. O sorriso do homem transmitia confiança, fascínio e certo mistério.

– E este? – perguntou Riley.

– Ele segura o raio. Não sei se é um símbolo nem o que significa. E sonhei que nós dois... nós...

– Sonhos eróticos? – Parecendo divertir-se, Riley olhou mais atentamente para o desenho. – Poderia ser muito pior.

– Se eu for ter sonhos eróticos com um homem, gostaria que ele me levasse para jantar primeiro.

Riley deu uma gargalhada.

– Ah, você pode jantar todo dia... Você é sonâmbula, Sasha?

– Sonâmbula?

– Você tem sonhos proféticos? Por que se conter agora? Fale tudo – disse Riley quando Sasha hesitou. – Já me contou que faz sexo com homens estranhos e ainda nem bebeu.

– Não preciso dormir para sonhar. – Sim, pensou Sasha, por que se conter agora? – E, sim, geralmente são proféticos. – Quando eu tinha 12 anos, soube que meu pai ia embora antes de ele sair de casa. Ele não conseguiu lidar com o que sou. Não consigo controlar isso, não posso pedir para ver nem para não ver.

Sasha ergueu a taça, tomou um gole e esperou uma reação cautelosa ou zombeteira.

– Você já trabalhou isso com alguém?

– Como assim?

– Já procurou outro sonâmbulo, para tentar aprender a bloquear isso ou a ser receptiva?

– Não.

– Você parece mais inteligente que isso. – Riley deu de ombros. – São apenas visões ou você também lê mentes?

Riley falou com a mesma naturalidade como se perguntasse se ela pintava com tinta a óleo ou acrílica. Sasha sentiu um nó na garganta tão grande que mal conseguiu falar.

– Você acredita em mim.

– Por que não acreditaria? A prova está aí em cima da mesa. Você lê mentes? Consegue controlar esse poder?

– Não leio mentes, leio sentimentos, que falam tão alto quanto. Posso controlar, sim, a menos que os sentimentos sejam tão intensos que se imponham.

– O que estou sentindo? Vá em frente. – Quando Sasha hesitou, Riley estendeu os braços. – Sou um livro aberto: leia.

Sasha demorou um instante para se concentrar.

– Você sente certa empatia e curiosidade por mim. Está relaxada, mas alerta. É seu natural. Sente necessidade de algo que sempre esteve além do seu alcance. Isso é frustrante, principalmente porque gosta de vencer. Você se sente um pouco em desvantagem em relação ao sexo porque não se deu tempo... achava que tinha tempo para satisfazer essa necessidade. O trabalho a preenche, os riscos, a aventura, as exigências. Você conquistou autoconfiança e não tem medo de muitas coisas. Se há medo, é mais emocional do que do físico.

Sasha fez uma pausa antes de prosseguir:

– Você tem um segredo – murmurou. – Muito bem guardado. – Ela hesitou e franziu a testa. – Você me pediu para olhar, quase insistiu, então não fique zangada.

– Tudo bem. Já é o suficiente.

– Eu acredito em privacidade. – Ela nunca havia lido alguém tão aberta e intencionalmente. Isso a fez corar, um pouco constrangida. – Não escavo mentes em busca dos segredos de ninguém.

– Eu acredito em privacidade. – Riley ergueu novamente sua taça. – Mas adoro escavar.

– Seu trabalho lhe traz muito orgulho e satisfação. O que você faz?

– Depende. Mas, resumindo, sou arqueóloga. Gosto de procurar coisas que ninguém mais consegue encontrar.

– E quando encontra, o que faz com elas?

– Isso também depende.

– Você encontra coisas. – Sasha assentiu, quase relaxada. – Esse deve ser um dos motivos.

– De quê?

– De estarmos aqui.

– Eu tenho um motivo para estar aqui.

– Mas neste momento, neste lugar? – Sasha apontou novamente para os desenhos. – Sei que precisamos olhar, precisamos encontrar...

– Se quer minha atenção, você precisa ser sincera.

Em vez de falar, Sasha pegou outro desenho. Uma praia, um mar calmo, um palácio em uma colina, tudo sob uma lua cheia muito branca.

E próximas à lua brilhavam três estrelas.

– Não sei onde fica isto, mas sei que essas três estrelas não existem. Não sou astrônoma, mas sei. Só que de algum modo elas existiram. E caíram. Veja este. – Ela pegou outro desenho. – As três caindo ao mesmo tempo, deixando rastros como cometas. Temos que encontrá-las.

Sasha encontrou os olhos de Riley fixos nos dela, frios e ferozes.

– O que sabe sobre as estrelas? – perguntou Riley.

– Isso é tudo o que sei.

Em um movimento rápido, Riley estendeu a mão e agarrou o pulso de Sasha.

– O que sabe sobre as Estrelas da Sorte? Quem é você?

Mesmo tensa, Sasha se forçou a sustentar o olhar feroz de Riley e não deixar a voz tremer.

– Eu já disse quem sou. Estou dizendo o que sei. Você sabe mais sobre eles. Sabe quem são. Já os busca. Foi por isso que veio para cá. E está machucando meu braço.

– Se eu descobrir que você está me enganando, vou machucar mais do que seu braço – afirmou Riley, mas a soltou.

– Não me ameace. – Surpresa e uma irritação profunda despertaram em Sasha. – Para mim, chega. Não pedi nada disso. Tudo o que eu queria era viver sossegada, pintar, trabalhar em paz. Então você e esses outros surgiram nos meus sonhos, você e essas malditas estrelas que não conheço. Sinto que uma delas está aqui, como sinto que não será fácil encontrá-la. Não sei lutar, mas terei que fazer isso. Tenho sonhos cheios de sangue, batalha e dor.

– Isso está começando a ficar interessante.

– É apavorante, quero ficar longe disso tudo. Mas não acredito que seja possível. Eu segurava uma delas na mão.

Riley se inclinou para a frente.

– Você segurava uma das estrelas?

– Em um sonho. – Sasha virou a palma da mão para cima. – Eu a segurava, segurava o fogo. E era cegante de tão bonita. Então veio aquilo.

– O quê?

– A escuridão, a fome, a brutalidade.

De repente Sasha se sentiu enjoada e tonta. Mesmo tentando resistir, foi dominada por elas.

– Aquela que anseia pela escuridão. Ela é consumida pelo que deseja. Quer corromper o amor, a lealdade e a esperança criados pelas três luas. Consumiu seus dons e todo o brilho de seu poder, e o que resta é loucura. Ela matará para possuir as estrelas de fogo, gelo, água. Assim destruirá mundos, destruirá todos para viver.

Sasha levou as mãos à cabeça e disse:

– Dor de cabeça.

– Isso acontece com frequência?

– Faço tudo o que posso para evitar.

– E provavelmente é por isso que tem dor de cabeça. Acredite em mim, você não pode lutar contra sua própria natureza. Precisa aprender a controlá-la e a se adaptar. – Riley buscou os olhos do garçom e, com o dedo, descreveu um círculo no ar. – Mais uma rodada.

– Acho que não devo...

– Coma algumas amêndoas. – Animadamente, Riley empurrou a tigela para mais perto de Sasha. – Não há como fingir isso. Ninguém finge assim tão bem. Não consigo ser empática como você, mas percebo quando alguém é confiável. Então vamos beber e falar mais sobre isso e depois descobrir para onde vamos a partir daí.

– Você vai me ajudar.

– Acho que vamos *nos* ajudar. Minha pesquisa indica que a Estrela de Fogo está em Corfu ou nos arredores. E seus sonhos confirmam. Você pode vir a calhar. Agora... – Ela passou a mão pela franja enquanto olhava por cima da cabeça de Sasha. – Ora, ora, está ficando cada vez mais interessante.

– O que foi?

– O encontro do sonho. – Riley deu um sorriso deliberadamente sedutor e apontou para o que olhava.

Virando-se na cadeira, Sasha o viu. O homem que segurava o raio. O que possuía seu corpo.

Os olhos dele, muito escuros, desviaram de Riley para os de Sasha e se fixaram neles. O homem foi até a mesa delas.

– Senhoritas, vista espetacular, não acham?

A voz do homem, tranquila e com sotaque irlandês, fez Sasha se arrepiar. Sentiu-se aprisionada de repente, como se uma gaiola prateada a rodeasse.

E quando ele sorriu, ela o desejou.

– De onde você é, irlandês? – perguntou Riley.

– Sligo, um vilarejo do qual você nunca ouviu falar.

– Você ficaria surpreso com o que conheço.

– Cloonacool.

– Sei onde é. Aos pés das montanhas Ox.

– Sim. Então está bem. – Ele agitou a mão e ofereceu a Riley o pequeno punhado de trevos que apareceu. – Uma lembrança do lar distante.

– Que bonitos.

Riley observou o olhar do homem pousar nos desenhos. Não disse nada quando ele baixou a mão e pegou um deles, que mostrava seis pessoas.

Não estava chocado, pensou Riley, mas intrigado.

– Que fascinante! Você é a artista? – perguntou ele para Sasha. – Tem talento e um bom olho. Já disseram o mesmo de mim. – Ele sorriu. – Importam-se se eu me juntar a vocês?

Sem esperar pela resposta, ele pegou uma cadeira de uma mesa vizinha e se sentou.

– Eu diria que temos muito sobre o que conversar. Sou Bran. Bran Killian. Que tal eu lhes pagar uma bebida enquanto falamos sobre a lua e as estrelas?

CONHEÇA OUTROS LIVROS DE NORA ROBERTS

QUARTETO DE NOIVAS

Álbum de casamento

Mar de rosas

Bem-casados

Felizes para sempre

A POUSADA

Um novo amanhã

O eterno namorado

O par perfeito

OS PRIMOS O'DWYER

Bruxa da noite

Feitiço da sombra

Magia do sangue

A SINA DO SETE

Irmãos de sangue

A maldição de Hollow

A Pedra Pagã

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

